

**“A GENTE NÃO QUER SÓ DINHEIRO...A GENTE QUER DINHEIRO E FELICIDADE”:  
NOTAS E REFLEXÕES NO CONTEXTO DA CIÊNCIA ECONÔMICA**

**“WE DON’T WANT ONLY MONEY...WE WANT MONEY AND HAPPINESS”:  
NOTES AND REFLECTIONS IN THE CONTEXT OF THE ECONOMICAL SCIENCE**

**PERY FRANCISCO ASSIS SHIKIDA<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Uma das polêmicas do mundo moderno, observada por economistas, é a de que existem pessoas mais felizes entre os grupos mais ricos *vis-à-vis* os mais pobres. Neste contexto, o objetivo deste artigo é analisar a relação da felicidade com o dinheiro à guisa da literatura econômica. Como principal resultado, a felicidade está relacionada, no âmbito microeconômico, com a reflexão pessoal que envolve o bem-estar derivado da utilização e acesso aos produtos e serviços. Contudo, para o indivíduo possuidor de altas rendas, o dinheiro não traz felicidade, no outro extremo, em que os recursos são escassos, mais dinheiro dá uma expressiva contribuição à felicidade das pessoas. No âmbito macroeconômico, a felicidade perpassa pela melhoria da estabilidade e desenvolvimento econômicos.

**ABSTRACT:** One of the controversies of the modern world, seen by economists, is that there are people happier among richer groups *vis-à-vis* the poor. Therefore, the objective of this paper is to evaluate the relationship of happiness with the money, using the theoretical instrument of the economic literature. As a main result, the happiness is related, in the microeconomic ambit, with the personal reflection that it involves the welfare derived from the use and access to the products and services. However, for the individual possessor of high rents, the money does not bring happiness, in the other end, where resources are scarce, more money gives an expressive contribution to the happiness of people. In the macroeconomic ambit, happiness involves improving of stability and economic development.

**Palavras-chaves:** Economia, felicidade, dinheiro.

**Key words:** Economy, happiness, money.

**Sumário:** Introdução - 1 Dinheiro e Felicidade: Pontos a Ponderar - Considerações Finais - Referências.

---

<sup>1</sup>Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Rua da Faculdade, 645. CEP: 85.903-000. Toledo, PR. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e Pesquisador do GEPEC. *E-mail:* [pfashiki@unioeste.br](mailto:pfashiki@unioeste.br)

## INTRODUÇÃO

"*Adeus ano velho, feliz ano novo, que tudo se realize no ano que vai nascer... muito DINHEIRO no BOLSO, saúde para dar e VENDER...*" (grifo nosso). Todo final de ano cantamos ou ouvimos as pessoas cantarem a música supracitada. Conforme destacado, no momento importante da vida de muitas pessoas (a virada do ano velho para o ano novo, o que implica "renovação"), são realçadas as expectativas com os desejos planejados, ou seja, partindo-se do pressuposto de que idealizamos algo para o ano vindouro, que isto possa se realizar efetivamente, significando, de certo modo, sucesso... Não obstante, dois aspectos não podem faltar nesta realização: "dinheiro" e "saúde". Por acaso alguém parou para pensar no sentido de algumas palavras dessa música de final de ano, e que indubitavelmente guardam complexas relações entre elas (como "feliz ano novo" e "muito dinheiro no bolso")?

Os economistas, profissionais que tentam compreender, modelar e prever os comportamentos de escassez, as variações de quantidades produzidas de uma sociedade, utilizando os fundamentos da teoria econômica de maneira prática e real, e que são capacitados para intervir no processo social, oferecendo a melhor contribuição sobre fundamentos que são privativos de sua profissão (CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA – CORECON-PR, 2007), são os mais indicados a lidar ou analisar com o que está explícito, e também implícito, nos termos grifados "dinheiro", "bolso" e "vender". Será somente isto? Para quem pensa que sim, oportuna é a leitura de Rocha (2007)...

Então, voltemos à música típica de virada de ano, agora fundamentado em alguns teóricos da Economia. A parte "*adeus ano velho, feliz ano novo*" sugere, segundo leituras de Schumpeter (1997), a dinâmica, os ciclos que a vida impõe. A primeira parte desta música conjugada com a parte seguinte, "*que tudo se realize no ano que vai nascer*", evidencia, de acordo com alguns neoschumpeterianos (por exemplo: NELSON e WINTER, 1982), o processo evolucionário, traduzido pela superação do velho e pela necessidade de efetivação do novo. Por último, mas não menos importante, tem-se a parte "*muito dinheiro no bolso, saúde para dar e vender*", significando, para os utilitaristas (por exemplo: MILL, 1983), o princípio da não saciedade, pois o "*muito dinheiro no bolso*" [o dinheiro traduzido, segundo Marx (1996), como a mercadoria que foi historicamente escolhida como equivalente geral] implicará em maior satisfação, dada pela maximização das utilidades (as curvas de indiferença interceptam as restrições orçamentárias em pontos cada vez mais distantes do eixo) (PINDYCK, e RUBINFELD, 1994).

Outrossim, existe uma palavra que os economistas precisam discutir melhor, qual seja: *feliz (felicidade)*... Num raciocínio reducionista, a música de final de ano e início do outro quer dizer uma coisa só: seja feliz!

A discussão do dinheiro com a felicidade é bastante polêmica, começando pelo fato do "dinheiro" vir antes da "saúde" na música em epígrafe ("*muito dinheiro no bolso, saúde para dar e vender*"); você concorda com esta ordenação? Contudo, assuntos complexos, de natureza existencial, relacionado com o dinheiro, podem trazer algumas luzes a respeito da condição humana e, mesmo que a iluminação tenha pouca intensidade, em um ambiente de relativa escuridão, adquirem um expressivo significado. E é este o objetivo deste artigo, analisar a relação da felicidade com o dinheiro à guisa da literatura econômica. Daí o título – um pouco heterodoxo – deste artigo, "*a gente não quer só dinheiro, a gente quer dinheiro e felicidade*", extraído da

música brasileira intitulada “Comida”, de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto (lançada pelo conjunto Titãs). Um aspecto merece ressalva, certamente quem escreveu este trabalho teve um custo de oportunidade, mas, se optou por fazê-lo, é porque isto o tornou, em tese, mais “feliz”. Afinal, parafraseando novamente a música “Comida” (“*Você tem sede de que? Você tem fome de que? A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte*”), a nossa “sede” e a nossa “fome” é por uma Economia com mais “diversão” e “arte”; que também dê atenção aos fenômenos que, embora façam parte do nosso dia-a-dia, como é o caso da relação dinheiro-felicidade, raramente são objetos do debate econômico.

Isto posto, o presente trabalho contém três seções, incluindo esta introdução. É feito na segunda seção o cerne do escopo desta pesquisa, isto é, analisa-se a relação da felicidade com o dinheiro a partir da literatura econômica. As considerações finais resumizam este artigo.

## 1 DINHEIRO E FELICIDADE: PONTOS A PONDERAR

Para alguns dos principais economistas clássicos – como Smith (1996), Ricardo (1982) ou Mill (1983) – a Economia pode ser traduzida como o estudo do processo de produção, distribuição, circulação e consumo da riqueza. Os manuais de Economia sintetizam este ofício como a ciência da escassez, porquanto na humanidade existe uma contradição evidente: são desejos infinitos para finitos recursos (PINHO, 2003; SAMUELSON e NORDHAUS, 2004).

Com efeito, a palavra Economia tem origem no termo grego *oikonomique*, concebido por Aristóteles (1980) para denominar a faculdade, ciência ou virtude do uso adequado dos bens necessários a uma vida moralmente boa e feliz. Essa originária concepção indicava que a Ciência Econômica (alguns utilizam o termo Ciências Econômicas, para efeito deste artigo será considerado o sentido singular), ligada à geração da felicidade humana, teria caráter necessariamente ético (RODRIGUES e SHIKIDA, 2005). Logo, a relação da Economia (ou, conforme entendimento, do dinheiro) com a felicidade é histórica, estando na gênese dessa palavra e de seus atributos.

De acordo com Aragão (2002), a Economia não é a ciência da “riqueza das nações”, mas da felicidade (que pode ser pública). Oser e Blanchfield (1975), citando Bentham (1952), dizem que os legisladores deveriam aumentar a felicidade total da comunidade. Em vez de as pessoas servirem ao Estado, o Estado é que deveria servir às pessoas.

De fato, seja em âmbito microeconômico ou macroeconômico, ao se conseguir maximizar um dado desejo, diante de um determinado recurso escasso, estar-se-á obtendo a satisfação. E satisfação, grosso modo, significa felicidade.

Expostos estes pontos de vista, uma consulta exaustiva aos mais diversos conceitos de Economia feita nos clássicos manuais mostrará, em síntese, o estudo do ajuste produtivo à escassez de bens e recursos (SAMUELSON, 1983). Notadamente, aquilo que estava desde os primórdios na definição desta importante ciência está ficando cada vez mais raro nas novas concepções conceituais, ou seja, estão menoscabando a relação da Economia com a felicidade humana.

Contudo, a primeira pergunta que deve ser feita para recrudescer esta discussão é: o que vem a ser felicidade? Embora se constate várias definições sobre ser feliz e felicidade, este é um dos temas mais importantes de toda a história da humanidade. Por isto mesmo “ninguém ousou dizer ser o dono da verdade sobre esta definição, pois mesmos os grandes gênios sabiam da dificuldade de se definir a natureza do termo felicidade” (O SEGREDO da felicidade, 2007, p.1).

Assim, vale aqui uma breve revisão sobre os principais aspectos conceituais de felicidade. Etimologicamente, felicidade (derivado do latim *felicitate*) significa qualidade ou estado feliz. Embora a felicidade não seja só sentimento, a felicidade pode ser definida como o prazer de viver, incluindo a reflexão que cada um faz da sua própria história (PASTORE, 2001). Aprofundando melhor, o conceito de felicidade nasceu, segundo a filosofia clássica, na Grécia antiga, onde Tales considerava feliz aquela pessoa que possuísse o corpo forte, sadio e uma alma bem evoluída e de sucesso. Nesta concepção, a tríade que constitui a felicidade – a saúde (referência ao corpo forte e sadio), o êxito na vida e o sucesso da formação individual (referência à alma bem evoluída e de sucesso) – pode ser considerada inerente à situação do homem no mundo e entre outros homens (ABBAGNANO, 1970).

Nesta orientação de pensamento e recorrendo ao que está citado na filosofia aristotélica, Dauch (2003) aponta que a felicidade envolve tanto o bem estar do corpo como da alma, em que as pessoas felizes devem possuir as três espécies de bens que se podem distinguir: os externos, os do corpo e os da alma. Para o psiquiatra Glauco Ulson, citado por Dauch (2003, p.2), “é comum associar a felicidade a um sonho ou uma utopia. Isto porque ser feliz é conquistar ou realizar algo muito almejado e atingir um objetivo quase sempre idealizado” (isto também relembra a música de virada de ano: “*que tudo se realize no ano que vai nascer*”), que pode perfeitamente perpassar por desejos materiais ou não.

Nesse complexo contexto, distintas referências fazem alusão ao que vem a ser feliz. Segundo Shinyashiki (1998), ser feliz é buscar constantemente a realização pessoal, profissional e tantas outras, é acreditar que somos eficientes e capazes. Para Giannetti (2002, p.68), “a felicidade sempre foi e continua sendo um grande fim, se não a finalidade suprema, em nome do qual se justificam escolhas na vida pública e privada”.

Em termos de filosofia religiosa, por exemplo, para os cristãos, a felicidade está no passado ou no futuro, nunca no presente, sem a fé, a razão não leva ao caminho da bem-aventurança; para os budistas, viver é sofrer, o homem está preso à lei de causa e efeito. Para alcançar a felicidade é preciso renunciar ao ego e à ânsia pelas coisas do mundo. Contrapondo à visão religiosa, para os economistas liberais a auto-realização humana se resolve no mercado. Cada um deve buscar a satisfação de todos os seus apetites e, dessa forma, estará automaticamente em busca da felicidade dos demais (RODRIGUES e SHIKIDA, 2005).

No utilitarismo, a definição de felicidade é observada por Veenhoven (2007), assim como Bentham (1952), nos termos da experiência psicológica de cada um, a partir da soma dos seus prazeres e dores.

Para Nunes (2003), referindo-se à fisiocracia, o homem, na ordem natural das coisas (ordem resultante das leis constitutivas das sociedades), é um ser que busca o prazer e a felicidade, pois na busca do seu “interesse próprio e direto”, e na busca da felicidade, os homens atuam de modo a conservar a sua liberdade e, por conseguinte, os seus direitos de propriedade, em toda a sua extensão natural e primitiva. Cada um, sem outro interesse que não seja variar e multiplicar as suas riquezas, constitui um meio de ver nascer a maior abundância possível de produções.

Esta proposição fisiocrata relaciona a felicidade com o êxito e a boa fortuna. Neste sentido, ao longo da evolução humana houve discussões pertinentes sobre a relação da felicidade com o dinheiro (que pode significar outros aspectos econômicos como expressão de valor de outras mercadorias, renda, bens, posição socioeconômica – ter dinheiro significa ter influência e poder, etc.), ou sobre o dilema de até que ponto a melhoria das condições materiais trazem (mais) felicidade.

Não obstante, não se encontra nenhuma relação explícita entre dinheiro e felicidade nos principais pensadores da Economia, até porque isto não foi fulcro de

pesquisa dos mesmos. Mas, algumas inferências podem ser deduzidas a partir de uma revisita a alguns autores clássicos desta ciência. É o caso de Smith (1996), que diz que um homem é rico ou pobre de acordo com o grau que possa desfrutar de tudo que é necessário, útil e agradável à vida humana, e ser feliz perpassa por este desfrute. No sentido macroeconômico, Smith (1996) aceitava que mais riqueza ou um aumento constante de rendimento coletivo de um país conduziria a um maior bem-estar e a uma sociedade mais feliz. Para Marx (1996), o capitalismo é incompatível com o equilíbrio econômico, e o comunismo aparece como resultado final da luta entre as classes detentoras de capital e as não detentoras, expressando o ideal de uma sociedade na qual as pessoas cooperariam voluntariamente, com a completa socialização dos meios de produção. No capitalismo, uns seriam, teoricamente, mais felizes (os detentores do capital, apropriadores de mais-valia – corresponde à diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o salário pago ao trabalhador) e os outros, mais infelizes (os vendedores da força de trabalho). Pelo fato dos bens serem distribuídos de modo igualitário, e de acordo com as necessidades, o bem estar geral e, por dedução, a felicidade, estaria mais presente em regimes alicerçados no Comunismo, segundo o próprio Karl Marx. No cerne da obra “Ciclos Econômicos”, Schumpeter (1964) relaciona os períodos de prosperidade (e de um ambiente relativamente mais feliz) ao fato de que o empreendedor inovador, ao ter sancionado pelo mercado a sua inovação, provoca uma onda de investimentos que ativa o mercado, propiciando prosperidade e aumento do nível de emprego. Porém, em outro momento, de mais infelidades, as inovações introduzidas são absorvidas pelo mercado e seu consumo declina, a taxa de crescimento do produto diminui e tem início uma fase de recessão com a queda de investimentos e a baixa da oferta de emprego.

Giannetti (2002, p.68-69) ressalta a relação de Economia/dinheiro e felicidade com a seguinte asserção:

Assim como a saúde está para a medicina (...), a *felicita pública* seria o objetivo maior frente ao qual toda a maquinaria do processo político, social e econômico constituiria tão somente um meio adequado e ao qual estaria subordinada. O economista Irving Fisher (...) é claríssimo sobre isso. Toda atividade produtiva, ele argumentou, e 'todas as transações monetárias que dela decorrem derivam a importância que possuem somente na condição de preliminares úteis e necessárias da renda psíquica – da satisfação humana (...)'. De Petty e Turgot, no século XVIII, a Keynes, Friedman e Samuelson, poucos economistas dignos de nota discordariam.

Na área acadêmica atual, a relação do dinheiro com a felicidade faz parte de uma linha de estudo denominada comportamento de mercado (*market behaviour*). Trata-se de uma nova inserção da Ciência Econômica voltada principalmente para o gênero humano e não simplesmente para a produção e/ou lucro econômico. O comportamento de mercado tem como um dos seus idealizadores o economista norte-americano Gary Stanley Becker, professor pela Universidade de Chicago, ganhador de Prêmio Nobel de Economia em 1992, ex-presidente da *American Economic Association* e membro do *Hoover Institution* e do *National Bureau of Economic Research* (BECKER, 2007). As principais contribuições do comportamento de mercado estão nas inclusões de novos temas para a Economia, numa abordagem multidisciplinar, incluindo áreas como a sociologia, psicologia e a demografia. Utiliza-se a análise econômica, sob o ponto de vista da abordagem microeconômica, para entender as decisões dos indivíduos em relação às suas vidas. Fazem parte deste escopo o investimento em capital humano, distribuição do trabalho e alocação do tempo dentro das famílias, a discriminação nos mercados de trabalho e bens, a teoria econômica do crime, suicídio,

casamento e divórcio, felicidade, etc. A Economia (aqui representada pela figura do dinheiro) e a felicidade estão associadas ao estudo da relação bens materiais (acúmulo ou falta de) e o fato de ser/estar mais feliz (ou não).

Oswald (1997) e Giannetti (2002), seguindo esta linha, realçam algumas questões importantes como, por exemplo: qual a posição que o dinheiro ocupa na hierarquia da felicidade do indivíduo de menor nível de renda pessoal? Analogamente, qual a importância do dinheiro para o indivíduo de maior nível de renda pessoal?

Diante deste novo impulso que a abordagem do comportamento de mercado deu à Economia, as pesquisas que relacionam a felicidade e o dinheiro vem aumentando nos últimos anos, é o que se observa em A FELICIDADE pode ser comprada (2003, p.1). Nesse artigo duas constatações importantes se destacam: "o dinheiro compra a felicidade, mas ela não custa tanto quanto se pode pensar a princípio", e "a correlação entre felicidade e renda é forte no início, e diminui à medida que a renda aumenta". Nesse sentido, os economistas observaram que existem pessoas mais felizes entre os grupos mais ricos *vis-à-vis* os mais pobres, entretanto, essa diferença deixa de existir nos grupos com renda anual acima de US\$ 25 mil. Dito de outra forma, o artigo expõe a seguinte mensagem: o dinheiro não traz felicidade, mas, por outro lado, a falta de dinheiro, num grau intenso, prejudica em muito a condição de as pessoas, sobretudo os mais pobres, serem mais felizes.

Esta observação traz a tona um aspecto crucial para a Economia e, conseqüentemente, para a felicidade das pessoas, isto é, a importância da melhora da distribuição de renda como base para a maior felicidade humana. Segundo Horin (2004, p.1), "O Instituto de Pesquisa Econômica e Social Aplicada, da Universidade de Melbourne, mostra que quando a riqueza (não apenas renda) é medida, os ricos apontaram estarem mais felizes do que os pobres."

Certamente uma pesquisa sobre felicidade e dinheiro em países paupérrimos como Etiópia, ou com fortes traços culturais como a Índia (não que a Etiópia não tenha cultura, frisa-se), evidenciaria resultados muito diferentes de países desenvolvidos. Daí a necessidade de uma análise mais acurada dos indicadores objetivos e subjetivos de bem-estar. Para Giannetti (2002), não há uma relação simples entre indicadores subjetivos e objetivos de bem-estar, conquanto o que se imaginava é que na medida em que os indicadores objetivos melhorassem, os subjetivos o seguiriam. Contudo, pesquisas realizadas nos Estados Unidos, Japão e países da Europa mostram que estes países multiplicaram sua renda *per capita* por quatro ou cinco vezes, porém, o grau de felicidade permaneceu estável, comparado inclusive ao grau de felicidade assinalado aos anos do pós-guerra. Nesses casos, o consumo tornou-se uma das armadilhas da riqueza, pois os mais ricos entraram na chamada "corrida do consumo", consumindo cada vez mais, porém a satisfação ficou no mesmo lugar. Analogicamente, trata-se do caso de países que gastaram cada vez mais em armamentos e/ou tecnologias visando maior segurança, para sentirem-se, contraditoriamente, cada vez mais inseguros. Ou seja, o acesso ao mercado pura e simplesmente não necessariamente pode ser traduzido em maior satisfação. Ao revés, uma pesquisa sobre a felicidade na Etiópia certamente envolveria o simples fato de poder comprar aquilo que a família etíope precisa para sobreviver.

Então remontemos à parte da música da introdução deste artigo ("*muito dinheiro no bolso, saúde para dar e vender*"), e novamente pergunto: esta ordenação ("dinheiro" na frente da "saúde") é correta? E a parte da música "Comida", "*a gente não quer só dinheiro, a gente quer dinheiro e felicidade*", faz sentido?

Uma das questões mais incômodas da vida das pessoas é: dinheiro "compra" felicidade? Segundo Labarre (2003), em público normalmente a resposta para tal indagação costuma ser um enfático não; por outro lado, a falta de dinheiro ou de senso de sucesso pode, sem dúvida, causar danos reais às pessoas, pois os indivíduos são

programados para conseguir algo na vida, para chegar a algum lugar [o que vem de encontro ao que disse Dauch (2003): as pessoas felizes devem possuir as três espécies de bens que se podem distinguir: os externos, os do corpo e os da alma]. Entretanto, respostas para esta indagação não são tão simples, e não é este artigo que terá a proeza de respondê-la. Mas teimará em discutir...

Sabetan (2007), em trabalho intitulado "O conceito de prosperidade", questiona, por exemplo, se algum rendimento acumulado traz felicidade e prosperidade, ou, será que se pode definir a prosperidade de uma população em termos de riqueza acumulada desta população? Ou será que a busca da felicidade e a busca da riqueza se ajustam aos mesmos conceitos? E ainda: pode a riqueza ser nada mais do que um meio de alcançar felicidade?

Resultados de uma experiência demonstram que no nível individual a felicidade maior está intimamente relacionada a um rendimento mais elevado. Os fatores que contribuem para a felicidade, considerados em ordem de importância, foram a Economia, a saúde, a família, os valores pessoais e a condição do mundo, valores sociais e assuntos políticos. Os conceitos de felicidade usados nesta pesquisa eram totalmente subjetivos e se perguntou aos entrevistados o que para eles significava a felicidade. A resposta foi descrita em termos instrumentais, o que quer dizer que mais dinheiro significa mais bens, o que significa que dispomos de mais benefícios materiais para a vida. Os entrevistados não identificaram a riqueza com felicidade e prosperidade em geral. Ao fazer tal generalização seria supor que nenhum rico poderia ser infeliz e nenhuma pessoa pobre poderia experimentar alguma felicidade. No nível de conjunto, entretanto, o relacionamento entre riqueza e prosperidade não é tão pronunciado como no nível individual (SABETAN, 2007, p.1).

Rodrigues e Shikida (2005), talvez inspirado em Giannetti (2002) e Labarre (2003), procuraram avaliar a relação da felicidade com o dinheiro (renda e/ou bens) numa determinada cidade paranaense (Cascavel), por meio de aplicação de questionários, tratando-se de um típico estudo de caso. Como corolário deste trabalho foi visto que os três principais aspectos caracterizadores para a felicidade apresentaram-se bem dispersos. Contudo, é digno de nota o fato da saúde ter sido o destaque singular (é a primeira palavra relacionada com felicidade, segundo os entrevistados), seguido, nesta ordem, pela: família; realização profissional/emprego; dinheiro/renda/bens; realização no amor; paz/tranquilidade; outros valores pessoais e amizade/relacionamento. Quando se considerou a agregação da realização profissional/emprego com o dinheiro/renda/bens, perfazendo o item Economia, este ainda ficou atrás do item saúde, mas ultrapassou o item família. Outra constatação dos autores dessa pesquisa está no fato da relação da felicidade com a Economia ser mais dicotômica quando se considerou o nível de renda. Neste particular, para o indivíduo possuidor de altas rendas, o dinheiro não traz felicidade, no outro extremo, em que os recursos são escassos, mais dinheiro dá uma expressiva contribuição à felicidade das pessoas.

Tanto Sabetan (2007) como Rodrigues e Shikida (2005) procuraram responder, ainda que preambularmente, as questões feitas anteriormente [esta ordenação ("dinheiro" na frente da "saúde") é correta? E a parte da música "Comida", "*a gente não quer só dinheiro, a gente quer dinheiro e felicidade*", faz sentido?]. Tais indagações, novamente vale frisar, são muito complexas. Para as pessoas, se tivessem que optar numa eventual entrada de ano entre dinheiro ou saúde, certamente prefeririam o segundo atributo, conforme atestaram Rodrigues e Shikida (2005). Mas,

para Sabetan (2007), os fatores que contribuem para a felicidade, considerados em ordem de importância, foram primeiro a Economia e depois a saúde. Em dois estudos, duas posições antagônicas...

Mas, tanto Sabetan (2007) como Rodrigues e Shikida (2005) citam que só dinheiro não garante necessariamente a felicidade, e é em função disto que se discute a importante parte da música "Comida", "*a gente não quer só dinheiro, a gente quer dinheiro e felicidade*". Para Rodrigues e Shikida (2005, p.117)<sup>2</sup>, por exemplo:

Quando a renda pessoal passa a ser elevada, outros aspectos são expostos como caracterizadores da felicidade humana, e o item dinheiro/renda/bens (de caráter mais explícito) passa a não ser lembrado. Não obstante, novos valores passam a ter importância diante dessa situação, é caso da paz/tranquilidade, realização profissional/emprego e amizade/relacionamento. [...] no caso do indivíduo possuir altas rendas, o dinheiro perde o poder de fazer as pessoas felizes (entre os ricos, com frequência, os problemas familiares estão no centro da sua infelicidade – vide a especificação amizade/relacionamento realçada); outrossim, no outro extremo, onde os recursos são escassos e os laços familiares e sociais são fortes, mais dinheiro dá uma expressiva contribuição à felicidade das pessoas. Nessa ótica, [...] o dinheiro não traz felicidade, mas, por outro lado, a falta de dinheiro, num grau intenso, prejudica em muito a condição de as pessoas serem mais felizes.

Pastore (2001) corrobora o posicionamento ora levantado ao ressaltar que a renda "compra" felicidade no estado de privação, mas, a partir de certo ponto, a sua capacidade de compra diminui. Este sociólogo destaca o seguinte contraste: para 32% dos pobres, cuja renda familiar é menos de R\$ 180,00/mês, poder comprar o que a família precisa deixa essas pessoas nitidamente mais felizes; por outro lado, numa faixa de renda familiar mais alta (R\$ 1.800,00/mês), poder comprar o que a família precisa deixa somente 17% das pessoas mais felizes.

Para Pastore (2001), mesmo que a felicidade esteja intimamente ligada à qualidade das relações do indivíduo com seus familiares, amigos e comunidade, há, sim, uma relação entre dinheiro e felicidade. Estudos de psicólogos e sociólogos mostram, por exemplo, que a relação entre renda e felicidade é curvilínea e as relações sociais pesam muito. Mas, isto depende muito de onde a pesquisa foi feita (e de quando – por exemplo, faça uma pesquisa num período de guerra, ou de grande calamidade pública que os resultados serão diferentes daqueles obtidos em tempos tranquilos).

Com efeito, a aderência do dinheiro à felicidade, especificamente no Brasil, ainda é grande, pois se trata de um país de renda *per capita* baixa em cotejo com as nações do Primeiro Mundo. Contudo, o trabalho de Oswald (1997) aponta outros aspectos que são interessantes para a presente discussão. Por exemplo, os níveis

<sup>2</sup>Importante dizer que a pesquisa de Rodrigues e Shikida (2005) revive um aspecto digno de menção nesta discussão: o auto-relato da felicidade foi dado pelo pesquisado, não foi um conceito construído pelo pesquisador ou pela Ciência. Ou seja, perguntou-se diretamente os três itens, em ordem de importância, que caracterizam a felicidade pessoal do pesquisado. Nesses casos, as respostas pressupõem a reflexão – não induzida – que cada um faz da sua própria história. Giannetti (2002, p.62) expõe que: "o grande desafio para quem se propõe a analisar os determinantes da felicidade na vida e convivência humanas é obter informações e dados empíricos confiáveis sobre a dimensão subjetiva do bem estar. (...) Dado que não é possível observar e medir de fora o bem estar subjetivo, como então saber se as pessoas estão se sentindo mais ou menos felizes com a vida que levam à medida que as condições do mundo ao seu redor se transformam? A saída encontrada foi perguntar a elas."

relatados de satisfação na Europa são (somente) ligeiramente mais elevados do que era há vinte anos; embora a taxa de suicídio na Grã-Bretanha tenha caído em aproximadamente um terço durante os últimos cem anos, esta estatística, para os homens, subiu em quase todos os estados ocidentais entre os anos 70 e os anos 90. Ademais, a satisfação profissional não aumentou.

A controvérsia de que dinheiro traz mais satisfação e, conseqüentemente, mais felicidade, também é analisada por Gardner e Oswald (2001), por meio de um estudo baseado em dados primários (

desenvolvimento econômico pressupõe o aumento e/ou melhoria de indicadores econômicos, infra-estruturais, sociais e ambientais, envolvendo aspectos como educação de maior qualidade, elevação da expectativa de vida e diminuição da taxa de mortalidade infantil, ele envolve também a inclusão da população mais pobre ao mercado de trabalho e aos indicadores supramencionados (ROSTOW, 1974; SOUZA, 2005). Logo, de acordo com Souza (2007, p.1), "é de se esperar que um povo saudável e educado, com emprego e um nível razoável de renda, permitindo o acesso às necessidades básicas (alimentação, vestuário, saúde, educação e lazer) seja um povo que tenha as condições mínimas fundamentais para a sua FELICIDADE neste mundo" (grifo nosso).

Conforme Souza (2007), o desenvolvimento sugere condições mínimas fundamentais para a felicidade, e isto é uma verdade, são só condições, não quer dizer que desenvolvimento trará necessariamente felicidade, pois do contrário os países com altos índices de desenvolvimento econômico seriam necessariamente os mais felizes do mundo, e não é o que retratam as pesquisas. Sayers (2007), por exemplo, salienta que no processo histórico houve certo desenvolvimento das atividades humanas e das relações, das necessidades, poderes e capacidades, e também da liberdade; mas há dúvidas se isto tudo conduziu a qualquer aumento na felicidade humana.

Cabe lembrar que no estudo de Rodrigues e Shikida (2005), os pesquisados que apresentaram maior nível de renda pessoal ressaltaram como os três principais aspectos caracterizadores para a felicidade, excluindo os itens saúde e família, a paz/tranquilidade, realização profissional/emprego (sub-item da Economia), e amizade/relacionamento. Ou seja, em ambientes mais desenvolvidos é de se esperar que haja mais segurança aos cidadãos, o que contribui positivamente para a paz/tranquilidade. Por outro lado, Pastore (2001) destacou que em um país rico, onde a renda é alta e os laços sociais e familiares são fracos, o dinheiro perde o poder de fazer as pessoas felizes (entre os ricos, com frequência, os problemas familiares - aí se pode incluir a amizade/relacionamento - estão no centro da sua infelicidade, e não podem ser atribuídos à falta de renda).

Assim, finalmente vislumbra-se um entendimento para a parte da música "Comida", *"a gente não quer só dinheiro, a gente quer dinheiro e felicidade"*. Isto é, dinheiro, numa sociedade capitalista, e num mundo globalizado como o que está aí, é importante porquanto poder comprar aquilo que se deseja dá, de certa forma, uma expressiva contribuição à felicidade das pessoas. Porém, são três as espécies de bens que a literatura destacou neste artigo (os externos, os do corpo e os da alma), sendo que o dinheiro não pode comprar alguns deles. Para adquirir tais bens são necessários outros atributos que dizem respeito à história de vida de cada cidadão (um casamento perfeito, por exemplo). E aí, creio, não é o economista o profissional mais indicado para tecer comentários. Contudo, de nada adianta um ambiente microeconômico teoricamente harmonioso em termos financeiros se o ambiente macro é um "desastre". Em outras palavras, de que adiante comprar uma Mercedes Benz, para o casal recém casado curtir, se não se pode andar com este carro com a devida segurança! O coletivo tem como contribuir para a felicidade individual, sobretudo se existir, ao redor do cidadão, um povo saudável e educado, com emprego e com nível razoável de renda, permitindo, conforme descrito por Souza (2007), o acesso às necessidades básicas como alimentação, vestuário, saúde, educação e lazer. São estes pontos que formam a complexa teia da felicidade econômica.

Nesse panorama, cumpre elogios à Aristóteles (1980), que ao denominar *oikonomique*, a caracterizou como a faculdade, ciência ou virtude do uso adequado dos bens necessários a uma vida moralmente boa e feliz, pena que as atuais definições da Economia não estão dando a devida importância para o sentido dessas palavras. A propósito, a palavra moral vale uma breve menção, pois significa, para Aristóteles, o

universo de regras e prescrições a respeito da conduta socialmente aceita e convencionada por determinada comunidade humana, cujo intento maior é organizar as relações dos indivíduos nessa sociedade. Quer dizer, no conceito ora exposto pode ser extraído tanto aspectos micro como o macroeconômico, e com forte juízo de valor. Mais incisivo ainda foi Aragão (2002), ao dizer que a Economia não é a ciência da “riqueza das nações”, mas da felicidade!

Mesmo com os apontamentos citados, o fato é que a questão da felicidade é ainda aberta para os economistas. O comportamento de mercado é um campo que merece demandas especiais por parte da Ciência Econômica, sobretudo em face do grande desafio de saber lidar com o dinheiro e, acima de tudo, saber relacioná-lo com a felicidade, o desenvolvimento e o bem estar. Assim estaremos dando, quiçá, uma oportuna resposta à pertinente indagação do jornalista Rocha (2007, p.01), feita a seguir:

[...] Até uns 20 ou 30 anos atrás, a Economia era um assunto muitíssimo fascinante e desafiador para quem se interessasse pelo progresso e pelo futuro das sociedades humanas. Grandes nomes nacionais e internacionais desse complexo ramo do conhecimento freqüentavam então as páginas de jornais e revistas e nos estimulavam com análises e explicações econômicas que eram pedras lapidares na formação cultural de toda uma geração. Mais até do que economistas, eram pensadores, e não palpiteiros. [...] O que temos hoje, na maioria dos artigos de economistas nos nossos jornais e revistas, e também, aliás, nos da imprensa mundial, é uma espécie de chuva miúdo. Palpites dirigidos a operadores e especuladores dos mercados futuros. O que terá acontecido com o ensino da Economia nas faculdades? [...]

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um pouco de ousadia, este artigo fugiu dos padrões convencionais dos trabalhos em Ciência Econômica. Em muitos casos o tratamento do verbo não foi pessoal, em outros momentos do texto parecia um diálogo do autor com o leitor. Isto foi, de certo modo, proposital, pois conforme citado na introdução (“*Você tem sede de que? Você tem fome de que? A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte*”), a nossa “sede” e a nossa “fome” é por uma Economia com mais “diversão” e “arte”, que também dê atenção aos assuntos complexos, de natureza existencial, relacionados com o dinheiro, com o bolso, venda, etc.

Como toda pesquisa, que começou com vários questionamentos, esta redundou, espero, em uma exclamação (!), para alguns leitores, para outros, em alguma(s) nova(s) interrogação(ões) (???). Com certeza, nosso propósito não foi de dar um ponto final (.) ao assunto, até porque isto não faz parte do método científico.

E o que podemos falar como *insight* (revelação) final? Na realidade fico em dúvida, aliás, “considerações finais” deveriam ser feitas pelo leitor e não pelo autor (sem querer ser “romântico”, este é um ponto polêmico que divido com os pesquisadores e leitores deste artigo)... De qualquer forma, foi discutido um assunto que a Ciência Econômica precisa resgatar, qual seja, a relação do dinheiro (e do fetiche que está por trás desta mercadoria que foi historicamente escolhida como equivalente geral, como diria Karl Marx) com a felicidade. Isto, no âmbito de um país como o Brasil, é muito importante, pois dizem costumeiramente que o povo brasileiro é um povo FELIZ, mesmo em face de várias mazelas que o nosso país detém. Dessa forma, quando os Titãs cantam o refrão “*a gente não quer só dinheiro, a gente quer dinheiro e felicidade*”,

ele está cantando aquilo que eu desejo, aquilo que você deseja, aquilo que nós desejamos. É verdade ou não? Este é o *insight* do presente artigo!

Depois de ler Aristóteles, Giannetti e tantas outras referências ligadas ao tema em foco, e de conseguir escrever este artigo (fora também dos meus padrões), creio que pelo menos poderemos refletir melhor sobre a música que desde muito cedo ouvimos cantar ou cantamos na virada do ano: "*adeus ano velho, feliz ano novo, que tudo se realize no ano que vai nascer... muito dinheiro no bolso, saúde para dar e vender...*" Afinal, devemos parar para pensar no sentido de algumas palavras dessa música, e que indubitavelmente guardam complexas relações entre si (como "feliz ano novo" e "muito dinheiro no bolso")...

---

## REFERÊNCIAS

**A FELICIDADE pode ser comprada.** Disponível em:

<<http://www.cidadefutura.com.br/cepat/2002-04/p5.html>> Acesso em: 17/07/2003.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970. 976p.

ARAGÃO, A. **Política de comunhão.** 2002. Disponível em:

<<http://www.paulodetarso310.hpg.ig.com.br/artigo1.html>> Acesso em: 05/06/2003.

ARISTÓTELES. **Aristotle in twenty-three volumes.** Cambridge: Harvard University Press (Loeb Classical Press), 1933, reimpr. 1980.

BECKER, G. S. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/gary\\_stanley\\_becker](http://pt.wikipedia.org/wiki/gary_stanley_becker)>

Acesso em: 04/02/2007.

BENTHAM, J. **Jeremy Bentham's economic writings.** London: edited by W. Stark. 1952.

CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA – CORECON-PR. **Ser economista.**

Disponível em: <<http://www.corecon-pr.org.br/economista.htm>> Acesso em: 04/02/2007.

DAUCH, K. **Felicidade eterna não existe.** Disponível em

<<http://www.estado.estadao.com.br/edicao/mulher/comporta/feli.html>> Acesso em: 14/07/2003.

FREY, B. S.; STUTZER, A. Happiness, economy and institutions. **Working Paper**, Institute of Empirical Research in Economics (University of Zurich), n. 15, July 1999, 29p.

GARDNER, J.; OSWALD, A. Does money buy happiness? A longitudinal study using data on windfalls. **Working Paper**, Department of Economics (Warwick University), CV4 7AL, March 2001, 32p.

GIANNETTI, E. **Felicidade.** São Paulo: Companhia das letras, 2002. 223p.

HORIN, A. **Money can buy happiness.** 2004. Disponível em:

<<http://www.smh.com.au/articles/2004/06/15/1087244918438.html>> Acesso em: 04/02/2007.

LABARRE, P. **O preço da felicidade**. Disponível em:  
<<http://www.tantrayoga.pro.br/boletim23.htm>> Acesso em: 18/07/2003.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 496p.

MILL, J. S. **Princípios de Economia política com algumas de suas aplicações à filosofia social**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 360p.

NELSON, R. R.; WINTER, S. G. **An evolutionary theory of economic change**. Cambridge: Harvard University Press, 1982. 437p.

NUNES, A. J. A. **Os fisiocratas ou o início da Ciência Econômica**. Disponível em:  
<<http://www.fd.uc.pt/mestrado/disciplinas/fisocratascienciaeconomica.htm>> Acesso em: 05/06/2003.

O S E G R E D O da felicidade. Disponível em:  
<<http://wfera.tripod.com/respostasaoimpossivel/id41.html>> Acesso em: 14/02/2007.

OSER, J.; BLANCHFIELD, W. C. **The evolution of economic thought**. 3rd ed. New York: Harcourt, 1975. 512p.

OSWALD, A. J. **Happiness and economic performance**. 1997. Disponível em:  
<<http://www2.warwick.ac.uk/fac/soc/economics/staff/faculty/oswald/happpecperf.pdf>> Acesso em: 04/02/2007.

PASTORE, J. **Riqueza e felicidade**. 2001. Disponível em:  
<<http://www.josepastore.com.br/artigos/cotidiano/089.htm>> Acesso em: 17/02/2007.

PINDYCK, R. S.; RUBINFELD, D. L. **MicroEconomia**. São Paulo: MakronBooks, 1994. 968 p.

PINHO, D. B. Aspectos da evolução da ciência econômica. In.: PINHO, D. B.; VASCONCELLOS, M. A. S. de (Orgs.). **Manual de Economia**. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 25-59.

RICARDO, D. **Princípios de Economia política e tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. 284p.

ROCHA, M .A. Onde andam os grandes economistas? **O Estado de S. Paulo**. 2/4/2007. Disponível em: <<http://marcoantoniorocha.zip.net/>>. Acesso em 10/05/2007

RODRIGUES, O. A.; SHIKIDA, P. F. A. Economia e felicidade: elementos teóricos e evidências empíricas. **Pesquisa & Debate**, São Paulo (SP), v.16, n.1(27), p.80-120, 2005.

ROSTOW, W. W. **Etapas do desenvolvimento econômico**: um manifesto não comunista. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

SABETAN, F. **O conceito de prosperidade**. Disponível em:  
<<http://www.rcgg.ufrgs.br/cap5.htm>> Acesso em: 20/02/2007.

SAMUELSON, P. A. **Foundations of Economic Analysis**. Harvard University Press: Enlarged Edition, 1983.

SAMUELSON, P. A.; NORDHAUS, W. D. **Economia**. McGraw Hill Interamerica, 17ª ed., 2004.

SAYERS, S. **The human impact of the market**. Disponível em: <<http://www.kent.ac.uk/secl/philosophy/ss/market.pdf>> Acesso em: 18/02/2007.

SCHUMPETER, J. A. **Business Cycles - A theoretical, historical and statistical analysis of the capitalist process**. New York: McGraw-Hill, 1964.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997. 239p.

SHINYASHIKI, R. **A felicidade é uma vantagem competitiva**. 1998. Disponível em: <<http://www.perspectivas.com.br/leitura/p4.htm>> Acesso em: 15/02/2007.

SMITH, A. **A riqueza das nações**: investigação sobre a natureza e suas causas. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 479p.

SOUZA, N. de J. de **Desenvolvimento econômico**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2005. 232 p.

SOUZA, N. de J. de **O que é desenvolvimento econômico**. Disponível em: <<http://www.nalijosouza.web.br.com/comentarios.htm>> Acesso em: 18/02/2007.

VEENHOVEN, R. **The greatest happiness principle: happiness as an aim in public policy**. Disponível em: <<http://www.eur.nl/fsw/research/veenhoven>> Acesso em: 04/02/2007.

---

*Artigo recebido em: Julho/2008*

*Aceito em: Agosto/2008*